

TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO



MOSTEIRO DE
SÃO BENTO DA VITÓRIA
15 FEV 2024

MUSICAL MENTE

Ciclo de concertos com prelúdios políticos

Schostakovich
Liberdade
Reprimida

qui—19:00

Filipe Pinto-Ribeiro (piano)
Boris Brovtsyn e
Alexandra Raikhlina (violino)
Jennifer Stumm (viola)
Adrian Brendel (violoncelo)

Dmitri Schostakovich (1906-75)

PRIMEIRA PARTE

Trio n.º 1, *Poème*, op. 8 (1923)

Sonata para violoncelo e piano,
op. 40 (1934)

- I. Allegro non troppo
- II. Allegro
- III. Largo
- IV. Allegro

Cinco peças para dois violinos
e piano (1933-55)

Arranjo de Lev Atovmian

- I. Prelúdio
- II. Gavota
- III. Elegia
- IV. Valsa
- V. Polka

SEGUNDA PARTE

Quinteto com piano, op. 57 (1940)

- I. Prelude: Lento – Poco più mosso – Lento
- II. Fugue: Adagio
- III. Scherzo: Allegretto
- IV. Intermezzo: Lento
- V. Finale: Allegretto

prelúdio político

Paulo Rangel

curadoria

Filipe Pinto-Ribeiro

coorganização

DSCH – Schostakovich Ensemble
Teatro Nacional São João

dur. aprox. 1:45
M/6 anos



Notas ao programa

SÓNIA GONÇALVES DA SILVA*

Dmitri Schostakovich nasceu em São Petersburgo no dia 25 de Setembro de 1906. Autor de uma vasta e variada produção musical, o compositor é relembrado sobretudo pelas suas quinze sinfonias e pela sua música de câmara (de onde se destaca o incontornável conjunto de quinze quartetos de cordas). Ao contrário de outros compositores russos, nunca abandonou o país, tendo a sua carreira sido condicionada pela acção do aparelho político soviético. Exemplo disso são os ataques de que foi alvo durante as purgas estalinistas de 1936 (na sequência do artigo no *Pravda* – jornal então convertido em órgão oficial de propaganda – sobre a ópera baseada na novela de Nikolai Leskov, *Lady Macbeth do Distrito de Mtsensk*, op. 29, contaminada, aos olhos do regime, por um “decadentismo burguês”) e de 1948 (altura em que foi acusado, juntamente com Sergei Prokofiev e Aram Khatchaturian, de “formalismo” musical, um dos piores crimes artísticos para a ortodoxia oficial). Morreu em Moscovo no dia 9 de Agosto de 1975, permanecendo como um dos mais notáveis compositores russos do panorama musical do século XX.

Trio n.º 1, op. 8

Originalmente intitulado *Poème*, foi escrito em 1923, durante o período de convalescença passado num sanatório em Gaspra, na Crimeia. Aí, Schostakovich conheceu a jovem Tatyana Glivenko, por quem se apaixonou e a quem dedicou a obra. Há um relato da sua interpretação numa audição que lhe foi concedida em 1924, perante o professor e compositor Nikolai Miaskovski, no Conservatório de Moscovo (apesar de ter sido admitido, Schostakovich acabaria por regressar ao Conservatório de Leninegrado, onde estudava desde 1919). O Trio viria a ser publicado apenas em 1981 (cerca de seis anos após a morte do compositor), tendo a edição sido elaborada por Boris Tishchenko (antigo aluno de Schostakovich) a partir de vários manuscritos autógrafos, todos incompletos (os últimos vinte e dois compassos da parte do piano, em falta, foram escritos

por Tishchenko). Composta para violino, violoncelo e piano, num único andamento, a obra segue o esquema da forma sonata (com dois temas contrastantes e desenvolvimento, após o qual os temas iniciais reaparecem na ordem inversa). Mesmo tratando-se de uma peça de juventude, a partitura evidencia já alguns dos traços estilísticos da linguagem de Schostakovich: lirismo melódico, harmonias pungentes, ritmos obstinados, contrastes repentinos e clímax de grande efeito.

Sonata para violoncelo e piano, op. 40

Foi composta em 1934 e dedicada ao violoncelista Viktor Kubatsky, que a estreou no dia 25 de Dezembro do mesmo ano, em Leningrado, acompanhado ao piano pelo compositor. Com o triunfo da estreia da sua primeira sinfonia em 1926, Schostakovich recebeu sucessivas honras e encomendas do governo, envolvendo-se sobretudo na produção de música de cunho dramático: escreveu duas óperas, vários bailados, música de cena para teatro e partituras para cinema. No início da década de trinta, retomou a composição de música instrumental, nomeadamente a que lhe permitia otimizar a sua dupla condição de compositor e intérprete/pianista, apresentando uma sequência de três obras que logo entrariam para o seu repertório: os Vinte e quatro prelúdios para piano, op. 34, o Concerto para piano, op. 35 e a Sonata para violoncelo e piano, op. 40. Escrita nos quatro andamentos tradicionais, a Sonata revela um idioma relativamente conservador, surpreendendo, do ponto de vista formal, pela repetição da exposição do primeiro andamento (num gesto de estrito cumprimento do modelo clássico da forma sonata). O segundo andamento, à maneira de um *scherzo*, destaca-se pelo dinamismo conferido ao tratamento do ritmo, num registo quase *moto perpetuo*; ao terceiro andamento, de carácter elegíaco, segue-se o *Allegro* final, um rondó conduzido maioritariamente pela linha do piano, marcada por passagens atléticas onde o sarcasmo e o grotesco se revelam.

Cinco peças para dois violinos e piano

Arranjo da autoria de Levon Atovmian, feito a partir de música escrita originalmente por Schostakovich para cinema, teatro e bailado. Publicado na década de 1970 sob a rubrica Cinco peças para dois violinos e piano, o arranjo é frequentemente adaptado para outras formações. Trata-se de uma obra de entretenimento e demarca-se pela sua leveza, contrariando o carácter denso e obscuro muitas vezes associado à música de Schostakovich. A primeira peça, *Prelúdio*, tem origem na partitura escrita em 1955 para o filme *Ovod* (de Aleksandr Faintsimmer); os dois números seguintes, *Gavota* (dança francesa) e *Elegia*, provêm da música de cena escrita para a peça de teatro *Chelovecheskaya komediya* (de Pavel Sukhotin, a partir de *A Comédia Humana*, de Honoré de Balzac; foi estreada em Moscovo, em 1934); a procedência da quarta peça, *Valsa*, permanece desconhecida; *Polka* (dança oriunda da região da Boémia), que encerra o conjunto, foi retirada do bailado *Svetliy ruchey* (com coreografia de Fyodor Lopukhov e libreto de Adrian Pyotrovsky, estreado em Leningrado, em 1935).

Quinteto com piano, op. 57

Escrito no Verão de 1940, após a composição da Sinfonia n.º 6, op. 54, paralelamente a outro projecto de grande escala, a reorquestração da ópera *Boris Godunov*, de Modest Mussorgsky (op. 58). A estreia aconteceu em Moscovo, no dia 23 de Novembro de 1940, pelo Quarteto Beethoven e Schostakovich, ao piano (existe uma gravação de 1947 pelos intérpretes originais). Recebida com enorme entusiasmo, a obra viria a ser distinguida com o Prémio Estaline, em 1941 (momento que assinalou, oficialmente, a reabilitação de Schostakovich depois do ataque no *Pravda*, em 1936). A abordagem formal e contrapontística do Quinteto revela afinidades com o universo do auge barroco (filtrado pela modernidade do idioma de Schostakovich). Tem cinco andamentos: o *Lento* inicial, de escrita livre, e o escrupuloso *Adagio* seguinte funcionam como prelúdio e fuga; o número central, um enérgico *Scherzo*,

ilustra o elemento corrosivo e electrizante característico do estilo do compositor; a partitura prossegue com o *Intermezzo*, página de introspecção em modo menor, terminando de forma contrastante com o *Allegretto* final, escrito em modo maior, num registo de aceitação comedido e tranquilo.

* Musicóloga.

Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.

Filipe Pinto-Ribeiro



Um dos grandes pianistas portugueses da atualidade. Diplomado e doutorado pelo Conservatório Tchaikovski de Moscovo, onde estudou com Lyudmila Roschina, encetou desde então uma carreira que o tem levado a apresentar-se nas mais conhecidas salas e com as principais orquestras portuguesas, e em reputados palcos e séries de concertos da Europa e América do Norte. Momento importante no seu percurso foi a criação, em 2006, do DSCH – Schostakovich Ensemble, um agrupamento de geometria variável onde se tem reunido com muitos dos mais significativos músicos do nosso tempo. Foi a partir desse Ensemble que criou em 2015 o Festival e a Academia Verão Clássico, que se realiza anualmente em Lisboa, hoje um dos mais importantes festivais e academias musicais de verão do mundo. É diretor artístico do Festival de Música dos Capuchos e do Bragança ClassicFest. Em 2022, criou

o Juventus Ensemble, uma plataforma intergeracional que junta músicos consagrados e talentos emergentes. Da sua discografia, destaque-se, a solo, o CD *Piano Seasons*, com obras de Tchaikovski, Carrapatoso e Piazzolla/ Nisinman; em música de câmara, a integral para piano e cordas de Schostakovich e um disco com Trios de Beethoven, editados pela Paraty/Harmonia Mundi. Recebeu da marca de pianos Steinway & Sons a distinção de Artista Steinway, em 2014.

Boris Brovtsyn



Um dos violinistas mais versáteis da sua geração, frequentemente convidado como solista e músico de câmara. Começou a tocar violino com o avô, aluno de Lev Tseitlin e Abram Yampolsky. Concluída a formação no Conservatório Tchaikovski, tendo estudado com Maya Glezarova, prosseguiu os estudos com David Takeno, na Guildhall School of Music and Drama, onde depois foi professor de violino até 2016. Como solista, tocou com grandes orquestras, entre as quais a Orchestre de la Suisse Romande, as Filarmónicas de Londres e de Varsóvia e a Orquestra Real Dinamarquesa, e com maestros como Sir Neville Marriner, Vladimir Jurowski, Michael Sanderling, Arvo Volmer e Antoni Wit. No campo da música de câmara, tocou com, entre outros, Gidon Kremer, Kyung-Wha Chung, Julian Rachlin, Daishin Kashimoto e Denis Matsuev, em festivais como os de Verbier, Salzburgo, Campos do Jordão, Annecy, Jerusalém e no Enescu Festival, em

Bucareste. A sua gravação, com Janine Jansen, de obras de música de câmara de Schubert e Schönberg, venceu o prémio Echo Klassik. É professor de violino na Universidade de Música e Artes, em Viena, e na Yehudi Menuhin School, no Reino Unido.

Alexandra Raikhlina



Nascida em Moscovo, mudou-se para a Bélgica aos 7 anos. Aos 13, foi laureada no concurso belga “Charles de Bériot”, antes de ingressar na Yehudi Menuhin School, onde estudou com Natasha Boyarsky. Na Guildhall School of Music and Drama teve como professores David Takeno e Krzysztof Smietana. Foi bolseira de prestigiadas instituições, como a Craxton Foundation, a Martin Schorlarship Foundation e a London Symphony Orchestra String Experience. Enquanto solista e integrando grupos de música de câmara, apresentou-se em importantes salas de espetáculo, como Barbican Hall, Queen Elizabeth Hall e The Glasshouse, entre outras. Tocou com prestigiadas orquestras, como as Sinfónicas de Londres, Epsom, Richmond e da Cidade de Birmingham, a Filarmónica de Bruxelas ou a Manchester Camerata. Participou em festivais de renome, como os de Gstaad e Paxos, o Oxford Lieder Festival, o Highgate International Chamber Music Festival e o Northern Chords Festival. É primeiro Concertino Auxiliar na Royal Northern Sinfonia e diretora artística do Brundibár Arts Festival, em Newcastle.

Jennifer Stumm



Uma das mais requisitadas violetistas da atualidade. Estudou com Karen Tuttle, no Curtis Institute of Music e na Juilliard School, com Nobuko Imai, em Amsterdão, e com Steven Isserlis, no IMS Prussia Cove. Apresenta-se nos mais importantes palcos internacionais, como o Carnegie Hall, a Berliner Philharmonie, o Kennedy Center e o Concertgebouw de Amsterdão. Foi a primeira violetista a vencer o Concert Artist Guild Competitions. Fundadora e diretora do Festival Ilumina, um projeto artístico e de equidade social, em São Paulo. No seu aclamado CD de estreia gravou obras de Alessandro Rolla, tendo o seguinte sido dedicado a Berlioz e ao seu *Haroldo na Itália*. Vencedora dos prêmios BBC New Generation Artist e Borletti-Buitoni Trust. Apresenta-se em festivais de topo, como os de Verbier, Stavanger, Spoleto, Aldeburgh ou Delft. Toca regularmente na temporada Spectrum Concerts Berlin, em trio, com o violoncelista Jens-Peter Maintz e com o violinista Kolja Blacher. Toca uma viola de Gasparo da Salò, de 1589. Professora de viola na Universidade de Música e Artes de Viena, é detentora da Cátedra Internacional de Estudos de Viola da Royal College of Music, em Londres.

Adrian Brendel

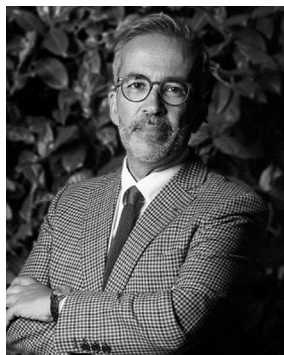


Solista, músico de câmara, professor. Estudou com personalidades como William Pleeth, Alexander Baillie, Frans Helmerson, György Kurtág e membros do quarteto Alban Berg, além de Alfred Brendel, seu pai. É membro do Nash Ensemble e toca regularmente com músicos como Henning Kraggerud, Imogen Cooper, Till Fellner e Kit Armstrong. O seu repertório inclui música do nosso tempo, fruto de projetos com os compositores György Kurtág, Thomas Adès e Péter Eötvös. Convidado de importantes festivais internacionais, apresenta-se como solista com algumas das principais orquestras europeias, em salas como o Wigmore Hall, a Berliner Philharmonie e o Concertgebouw de Amsterdão. Foi diretor artístico do Plush Festival, em Dorset, cuja programação é marcada por um enorme ecletismo. Da sua discografia, destacam-se a gravação, com o pai, das Sonatas para violoncelo e piano de Beethoven, e com o DSCH-Schostakovich Ensemble a integral da obra para piano e cordas de Schostakovich e os Trios para violoncelo e clarinete de Beethoven. É professor de violoncelo e de música de câmara na Guildhall School of Music and Drama e na Royal Academy of Music, em Londres.

Prelúdio político

Schostakovich podia sugerir-nos apenas o desafio que o génio põe ao poder. Porque o génio, na arte como na ciência, é sempre um repto ao poder e ao seu ímpeto de captura e de apropriação – mesmo ao poder que se apoda de liberal e democrático. Mas Schostakovich, a sua música e a sua vida, são a hipóstase do conflito maior entre a liberdade criativa e o poder totalitário. As experiências totalitárias do século XX – sim, porque são experiências e não, como sói pensar-se, simples doutrinas ou ideologias – mostram bem as contradições e tensões existenciais que o poder total põe às franjas de liberdades subsistentes. O drama humano do génio de que querem fazer herói, a tragédia do criador de que querem fazer farol, a desventura do artista de que querem fazer exemplo, a negação do autor que cede e transige. O poder totalizante quer apenas projetar, exhibir, mostrar. A liberdade quer, apesar de tudo, vibrar, latejar, subsistir. Entre a radicalidade da recusa e a vergonha da colaboração tece-se a alma do virtuoso que não sabe se é traidor de si mesmo ou se se vai volver em herói de todos e de si. A escolha é sempre: morrer, como Sócrates ou Jesus, diante do poder; ou sobreviver, como Galileu ou Schostakovich, atrás dele. Afinal, ninguém sabe dizer o que é mais radical, pois como ensina Jorge Luis Borges em *O Aleph*, 1949: “Morir por una religión es más simple que vivirla con plenitud.” Morrer por uma religião é mais simples do que vivê-la em plenitude.

Paulo Rangel



Jurista, docente da Universidade Católica Portuguesa e da Porto Business School, na área do direito público e ciência política. Autor de múltiplos escritos científicos, de entre os quais se destacam três livros: *Repensar o Poder Judicial*, 2001; *O Estado do Estado*, 2009; *Elementos de Política Constitucional*, 2023. É também autor de *Uma Democracia Sustentável* (2010, reflexão política) e *Jesus e a Política – Reflexões de um Mau Samaritano* (2015, ensaio). Exerceu advocacia, tendo sido colaborador e sócio das firmas Castro, Pinho, Peres & Xavier, entre 1991 e 2005, e da Cuatrecasas, Gonçalves Pereira, entre 2006 e 2016. No campo da atividade política, é vice-presidente do PSD, desde 2022, e Deputado ao Parlamento Europeu, desde 2009. Membro da presidência do PPE, desde 2015, e vice-presidente do Grupo Parlamentar do PPE, desde 2009. Foi presidente do *think tank* do PPE (European Ideas Network – 2014-19). Primeiro Presidente da Delegação para as relações UE-Brasil (2014-17). Presidente do Grupo Parlamentar do PSD em 2008-09, Deputado à Assembleia da República, entre 2005 e 2009, e Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Justiça do XVI Governo Constitucional (2004-05). Como comentador, colabora regularmente com múltiplos órgãos de comunicação social desde 1999. Foram-lhe outorgados a Grã-Cruz com Estrela da Ordem do Mérito da República Federal da Alemanha (2009) e o prémio René Cassin do Conselho da Europa (1989).

produção executiva
Mónica Rocha

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Pedro Manana

luz
Filipe Pinheiro
coordenação
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Nuno Gonçalves
Marcelo Ribeiro

maquinaria
Filipe Silva
coordenação
António Quaresma
Carlos Barbosa
Joel Santos
Jorge Silva
Nuno Guedes
Paulo Ferreira

som
Joel Azevedo

vídeo
Hugo Moutinho

APOIO



AGRADECIMENTOS

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

Edição
Teatro Nacional São João

coordenação
Fátima Castro Silva

fotografia
Rita Carmo
(Filipe Pinto-Ribeiro)
Andrej Grilc
(Boris Brovtsyn)

Nick Posner
(Alexandra Raikhlina)
Rodrigo Rosenthal
(Jennifer Stumm)
Jack Liebeck
(Adrian Brendel)

design gráfico
Pedro Nora

impressão
Mota & Ferreira, Lda.

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o concerto. O uso
de telemóveis e outros
dispositivos eletrónicos é
incómodo, tanto para os
intérpretes como para os
espectadores.

PRÓXIMO CONCERTO

27 MAR 2024
KORNGOLD
LIBERDADE EXILADA

Filipe Pinto-Ribeiro e **Rosa Maria Barrantes** (piano)
Mario Hossen e **Valerie Leopold** (violino)
Marta Potulska (viola)
Liliana Kehayova (violoncelo)
Leonor Amaral (soprano)

obras de
ERICH WOLFGANG KORNGOLD
Quatro Shakespeare Songs, op. 31
Quatro peças para violino e piano, op. 11, da música
para *Much Ado About Nothing*, de Shakespeare
Songs of the Clown, op. 29
Quinteto para piano, dois violinos, viola e violoncelo, op. 15
Marietta's Lied, da ópera *Die tote Stadt*, op. 12,
para soprano, piano e quarteto de cordas

O TNSJ É MEMBRO



MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

